

465.12559

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 70

Col. 3

O mensageiro

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1917



O mensageiro

Em primeiro lugar, impossivel de avançar por causa do arame inimigo na sua frente e duma «caixa de pilulas» a cem metros de distancia. Os encarregados da «caixa de pilulas» estavam alerta, esperando que os homens em khaki se mostrassem para logo lhes desencadear a morte por meio da sua metralhadora. Em segundo lugar, impossivel de recuar porque na retaguarda da baixa onde se encontravam os soldados britannicos o terreno elevava-se: era morte certa o marinhar por essa ladeira. Estes inglezes que no impeto da carga á baioneta, tinham-se aventurado muito para a frente, achavam-se agora num beco sem saida. Impossivel de avançar; impossivel de recuar, tinham de se conservar onde estavam; ao mesmo tempo uma carabina não cessava de atirar com granadas mortíferas sobre a sua posição. Esses projecteis zuniam constantemente por cima da cabeça, de vez em quando um em vinte acertava no alvo: dos que ocuparam essa baixa de manhã, um em sete jazia ou morto ou ferido. Eram uns cincoenta os que defendiam essa cavidade á hora do meio dia.

«Parece que se esqueceram de nós, diss' um

oficial que tinha entre os beiços um cigarro apagado. (Havia uma hora que fingia fumar esse cigarro apagado; talvez não tivesse fosforos ou se tivesse esquecido de o acender.) Mas havemos de resistir até ao fim só para ensino daqueles boches; naturalmente os nossos canhões vão abrir logo daqui a pouco.» Ao dizer isto, olhou em volta de si para os homens deitados no chão que conservavam as carabinas em posição na expectativa dum ataque. Deles todos só tres ou quatro lhe eram conhecidos. Pertenciam a varios regimentos; homens cujo ardor no ataque os levou muito para deante. Admiravel material de combate, porém desperdiçado pela propria impetuosidade.

«Se um de vocês quizesse levar uma mensagem aos da retaguarda... Mas não; é muito perigoso e não posso prescindir de nenhum; todos são precisos se tivermos de combater.»

Um ferido que tinha um estilhaço de granada na coxa, apoiou-se no cotovelo e mirando o oficial, disse: «Aqui não faço nada, meu official. Se houver um ataque á baioneta não sirvo senão de estorvo. Vou tentar arrastar-me até á retaguarda para poder comunicar com os artilheiros. Se me quizer confiar a mensagem, farei o possível para a entregar.»

O official ficou pensativo. Depois de curto intervalo ergueu a cabeça e examinou o terreno que lhes ficava nas trazeiras: «Ha uma especie de rêgo que vai pela ladeira acima, se pudesses subir por ele, encontrarias abrigo do outro lado. Que te parece?»

— Vou tentá-lo, disse o homem com simplicidade.

O oficial rabiscou umas palavras num pedacinho de papel e entregou-o ao ferido. Este meteu-o na algibeira interior da túnica. Em seguida saiu de rastos da cavidade e seguiu pelo régo que o oficial lhe tinha indicado. Alcançou o tópo da ladeira e desapareceu do outro lado. Sentia-se fraquissimo e a ferida doía-lhe horriavelmente. Aquele esforço pareceu-lhe ter durado seculos; de facto foram só cinco minutos que ele levou para chegar ao cume, apoiado nas mãos e num joelho. Arrastava a outra perna. Estavam esgotadas as forças; tomou posse dele uma fraqueza mortal. A cabeça andava-lhe á roda, passavam-lhe pelo cerebro os pensamentos os mais exóticos. Na sua frente estalavam as granadas alemãs: a barragem parecia encher todo o horisonte. O terreno estava ensopado e cheio de escavações cujas paredes estavam escorregadias e o fundo cheio de lama. Teve de as contornar; se tivesse a desgraça de cair dentro, nunca mais se poderia levantar.

«Isto é um horror, murmurou. Vou-me estender e passar pelo sono. Se tenho de morrer, melhor é morrer em socego. O que eu empreendi é uma perfeita loucura!»

Ao dizer isto estirou-se no chão ao lado duma escavação e fechou os olhos. Que bom era poder descansar ali! Porém lembrava-se dos camaradas que tinham ficado naquela baixa e que se fiavam nele. Essas vidas estavam por um fio, dependiam da entrega do papelinho que

levava na algibeira. Gemeu, fez um esforço e retomou o seu calvario.

Todas as vezes que parava para se orientar, via explodir maliciosamente as granadas alemãs nos terrenos planos, levantando aos ares e espalhando em volta terra e pedras, exactamente como quando se atira com uma pedra para um tanque e que a água se eleva e se espalha para todos os lados. Numa das vezes pareceu-lhe ouvir chamar por elle; porém o som era tão sumido que não podia ter a certeza de ser realmente um grito ou só efeito da sua imaginação. Parou e escutou.

De repente souu-lhe aos ouvidos um rumor estranho... Era uma voz a cantar!

*«Tudo temos de suportar
Neste cruel penar.»*

Devia ser algum soldado escondido numa excavação proxima que procurava com esse estribilho abafar o troar dos canhões. O ferido teve um riso convulsivo; apoiando-se no joelho quiz descobrir o local do cantor. Nesse momento explodiu uma granada perto dele que o enterrou. Lutou durante vinte minutos para sair dessa camada de terra; mal tinha conseguido, quando nova explosão o enterrou segunda vez. Outros vinte minutos primeiro que se pudesse libertar. Depois de tomar o fôlego, estendeu-se naquela terra toda remexida, de debaixo da qual tinha saído. Ia dormir. Era inutil tentar ir mais longe. Estava muito cansado.

Corpo e espirito estavam dormentes. Não pedia senão uma coisa — dormir! Dormir durante horas... dias! De que servia lutar? Nada conseguia. Dormitou.

Eni volta dele appareceram todos os seus camaradas — os vivos e os mortos. Formaram roda, apontavam para ele com desdem, rindo-se da sua fraqueza. «Belo camarada, dizia um. Deixa soffrer os camaradas enquanto ele dorme. — Se todos fizessem como ele, dizia outro que já estava morto havia muito, depressa nos veriamos vencidos.» Outro deu-lhe uma cotovelada nas costas para o acordar; e de facto o mensageiro acordou.

Quiz pôr-se de pé, porém as pernas recusaram-se. Estava paralisado, pois a cotovelada que tinha recebido no soulio, foi na realidade um estilhaço de granada que lhe tocou na espinha. Tornou a ouvir o cantor:

*«A lagrima triste dos olhos salta
Neste duro penar
Até a pinga da aguardente falta,
Neste duro penar.»*

— Olá! gritou o mensageiro.

— Olá! quem está ahí?

— Podes cá chegar?

— Vou tentar, camarada; a resposta vinha clara e ressoava acima do troar dos canhões. O mensageiro deitou-se para traz e esperou. Dali a pouco, sentiu que estava alguem a seu lado.

— Vou ver se te posso levantar, disse o homem.

— Não é isso, é uma mensagem. E' preciso entregá-la já... Deixei os camaradas... Está na algibeira... Não é nessa... do outro lado.

O cantor tirou o papelinho, leu-o e disse:— Vou levá-lo. Mas primeiro ponho-te numa escavação. Depois chamo os maqueiros para que te levem daqui.

— Bem, bem, disse o mensageiro. Mas primeiro está a mensagem, não te esqueças.

O cantor meteu o ferido na nova escavação que se ia enchendo de agua rapidamente, e largou a correr com a mensagem.

Duas horas mais tarde foi removido o mensageiro, e naquela noite os camaradas foram socorridos.

Ha muitos casos como este: são incidentes da guerra. O soldado britânico é hoje tão resolutivo, tão ousado, tão alegre como ha tres anos quando ao entrar em combate cantava «Tipperary».